



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA

TRABALHO, FAMÍLIA E PROFISSÃO: COM A PALAVRA OS GUARDA VIDAS CIVIS TEMPORÁRIOS

Alan Felipe Sulzbach

Lajeado, novembro de 2023

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CENTRO DAS CIÊNCIAS DA VIDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA

TRABALHO, FAMÍLIA E PROFISSÃO: COM A PALAVRA OS GUARDA VIDAS CIVIS TEMPORÁRIOS

Artigo final apresentado no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso como parte da exigência de obtenção de título de licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Oliveira Rocha

Lajeado, novembro de 2023

Alan Felipe Sulzbach

TRABALHO, FAMÍLIA E PROFISSÃO: COM A PALAVRA OS GUARDA VIDAS CIVIS TEMPORÁRIOS

A Banca examinadora abaixo aprova o Trabalho de Conclusão apresentado no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Educação Física - Licenciatura, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física:

Prof. Dr. Leandro Oliveira Rocha – Orientador
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Dr. Derli Juliano Neuenfeldt
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Prof. Jayme Quint Neto Demarco
Centro Universitário Claretiano/RS

Lajeado/RS, 20 de dezembro de 2023

Trabalho, família e profissão: com a palavra os guarda vidas civis temporários

Alan Felipe Sulzbach

Acadêmico em Educação Física Licenciatura (Univates)

E-mail: alan.sulzbach@universo.univates.br

Leandro Oliveira Rocha

Doutor em Ciências do Movimento Humano (UFRGS)

E-mail: leandro.rocha@univates.br

Resumo

Este estudo foi elaborado no ano de 2023 como forma de Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física Licenciatura da Universidade do Vale do Taquari – Univates. Seu objetivo foi compreender como os guarda vidas civis temporárias percebem o trabalho de guarda vidas e as relações com suas vidas pessoais, profissionais e com a Educação Física escolar. Utilizou uma abordagem qualitativa descritiva, explorando e interpretando as percepções e significados atribuídos. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os cinco GVCT mais experientes de um dos pelotões do Litoral Norte do Rio Grande do Sul via Google Meet. Esse método oferece praticidade e conveniência aos participantes, permitindo a condução das entrevistas remotamente. As informações foram analisadas por meio do processo de triangulação, buscando compreender melhor os fatores psicossociais que permeiam o cotidiano dos Guarda Vidas e como a Educação Física pode contribuir para a profissão.

Palavras Chaves: Guarda Vidas Civil Temporário; Vida profissional; Vida pessoal; Educação Física escolar.

Abstract

This study was prepared in 2023 as a form of Completion Work for the Physical Education Degree Course at the University of Vale do Taquari – Univates. Its objective was to understand how temporary civilian life guards perceive the work of life guard and the relationships with their personal and professional lives and with school Physical Education. It used a descriptive qualitative approach, exploring and interpreting the perceptions and meanings attributed. For data collection, semi-structured interviews were carried out with the five most experienced GVCTs from one of the platoons on the North Coast of Rio Grande do Sul via Google Meet. This method offers practicality and convenience to participants, allowing interviews to be conducted remotely. The information was analyzed through the triangulation process, seeking to better understand the psychosocial factors that permeate the daily lives of Life Guards and how Physical Education can contribute to the profession.

Keywords: Temporary Civil LifeGuard; Professional life; Personal life; School physical education.

Resumen

Este estudio fue elaborado en 2023 como una forma de Trabajo de Finalización de la Carrera de Licenciatura en Educación Física de la Universidad de Vale do Taquari – Univates. Su objetivo fue comprender cómo los socorristas civiles temporales perciben el trabajo de socorrista y las relaciones con su vida personal y profesional y con la Educación Física escolar. Se utilizó un enfoque cualitativo descriptivo, explorando e interpretando las percepciones y significados atribuidos. Para la recolección de datos, se realizaron entrevistas

semiestructuradas a los cinco GVCT más experimentados de uno de los pelotones de la Costa Norte de Rio Grande do Sul a través de Google Meet. Este método ofrece practicidad y conveniencia a los participantes, permitiendo que las entrevistas se realicen de forma remota. La información fue analizada a través del proceso de triangulación, buscando comprender mejor los factores psicosociales que permean el cotidiano de los Salvavidas y cómo la Educación Física puede contribuir a la profesión.

Palabras clave: Salvavidas Civil Temporal; Vida profesional; Vida personal; Educación física escolar.

Introdução

Esta pesquisa, um trabalho de conclusão do curso de Educação Física Licenciatura, foi desenvolvido durante o ano de 2023 e tematiza o trabalho dos Guarda Vidas Civis Temporários (GVCT) e sua relação com a Educação Física escolar. A escolha desse tema emerge de experiências profissionais construídas ao longo da graduação em Educação Física, período marcado por atuações laborais no ambiente aquático. Nesse caso, como monitor de um projeto social denominado navegar, desenvolvido no Rio Taquari, com crianças e por meio da utilização de embarcações, como instrutor de natação e hidroginástica, em piscinas, e como GVCT no litoral do Estado do Rio Grande do Sul (RS).

As experiências de GVCT foram mais inquietantes, talvez porque trata-se de um trabalho marcado pelo compromisso direto com a vida das pessoas, pelos conhecimentos compartilhados durante cada operação realizada e, principalmente, pelo convívio e parceria firmada com os colegas de trabalho, os outros guarda vidas. Por meio dessas convivências, foi possível conhecer pessoas de diversas faixas etárias, estilos de vida, formação acadêmica, profissões e situações familiares, mas que, em comum, abdicavam momentaneamente de seus vínculos familiares e profissionais para atuar de maneira temporária como guarda vidas, justamente no período do ano que geralmente é destinado para gozar as férias do trabalho e aproveitar a vida em família.

Por vezes, era difícil entender porque grande parte dos GVCT retornavam ao trabalho por 5, 6, 7 ou mais temporadas. Muitos que já haviam constituído família, não moravam perto do litoral e tinham empregos fixos e reconhecidos socialmente, ou seja, com garantias trabalhistas e a apreço na comunidade, tais como professor e advogado. Além disso, atuar como GVCT permitiu vivenciar, na prática, as imprudências que ocorrem em ambientes aquáticos, protagonizadas por banhistas que, por vezes, desconhecem os perigos do mar e, por outras, agem de forma irresponsável, colocando a própria vida e a vida das demais pessoas em risco. Aspecto esse que implicou em mudanças de condutas dos guarda vidas, tanto na relação com as formas de resgates aquáticos quanto na relação com os banhistas, a qual vem sendo intensificada com o intuito de fomentar a prevenção de afogamento, mas está muito longe do ideal.

É importante esclarecer que guarda vidas são definidos como os indivíduos que trabalham em atividades relacionadas à segurança aquática, como prevenção de afogamentos e resgates de pessoas em situações de risco em ambientes aquáticos, como praias, piscinas, rios e lagos (Martinez, 2002). No contexto brasileiro, Szpilman (2016) traz que o trabalho de guarda vidas vem sendo realizado desde o século passado e já passou por diversas modificações, que vão desde os procedimentos adotados durante o salvamento e o atendimento pré-hospitalar até as nomenclaturas. Segundo Szpilman (2016), os primeiros movimentos nesse sentido são datados de 1914, quando o Comodoro Wilbert E. Longfellow fundou no Rio de Janeiro, até então a capital do Brasil, o Serviço de Salvamento da Cruz Vermelha Americana. O intuito era organizar e capacitar voluntários para trabalharem no

litoral carioca e posteriormente em outras partes do Brasil. Somente em 1963 o serviço passou a ser responsabilidade definitiva da Secretaria de Segurança Pública com a criação do Corpo Marítimo de Salvamento - Salvamar que atuava com um pequeno grupo amador com experiência em salvamento aquático e uma afinidade com o mar.

Por sua vez, no Estado do Rio Grande do Sul - RS, segundo Prates (2005), o serviço de guarda vidas começou a ser desempenhado por volta da década de 50, principalmente por pescadores da praia de Tramandaí que de forma voluntária ficavam à beira do mar atentos para evitar possíveis óbitos por afogamento. Com relação ao treinamento dos guarda vidas, Szpilman (2016) destaca que após a “solicitação da Prefeitura Municipal de Torres, o Corpo Marítimo de Salvamento passou a ministrar conhecimentos técnicos através de um curso de Guarda Vidas”, em 1968. Por conseguinte, a partir de 1970, o Estado do RS fica responsável por capacitar profissionais aptos para trabalharem como Guarda Vidas nas águas abrigadas e no mar. Esta responsabilidade se desdobra na formação de profissionais em duas categorias, a militar e a civil.

A primeira, composta por integrantes da Brigada Militar e do Corpo de Bombeiros Militar, denominados de Guarda Vidas Militares Estaduais (GVME). Nesse caso, são funcionários públicos com vínculo contratual com o estado do RS que atuam como guarda vidas no período de veraneio. Naturalmente, para exercer essa função eles precisam passar por um curso de formação em Guarda Vidas com duração de vinte dias em seu primeiro ano de atuação. Os GVME ainda podem obter as habilitações para serem operadores de quadriciclo e moto aquática em seus polos de trabalho. Como forma de remuneração durante os meses de atuação na Operação Verão, os GVME recebem além do soldo¹, uma diária de R\$201,01 por cada dia trabalhado segundo a Lei 15.902 de 7 de dezembro de 2022. A segunda categoria é constituída por civis contratados para desempenharem a função de guarda vidas durante os meses da alta temporada de verão, com a proposta de aumentar o contingente devido ao alto número de banhistas. Trata-se dos GVCT, grupo formado por pessoas da comunidade que possuem vínculo temporário com o governo do RS e que, para isso, necessitam participar de um processo seletivo anualmente.

A contratação dos GVCT acontece através da Lei Nº 15.897, de 24 de novembro de 2022 e o processo seletivo fica a cargo do CBMRS que fica: “responsável pelo recrutamento, seleção, treinamento, emprego operacional, acompanhamento e dispensa dos guarda-vidas civis temporários envolvidos na atividade de salvamento aquático”. (RIO GRANDE DO SUL, 2022, p.1). Os trâmites até a contratação passa pelas seguintes etapas: I - Habilitação Específica (Exame de Saúde e Mental); II - Habilitação Específica (Exame de Aptidão Física); III - Sindicância de Vida Progressiva e IV - Capacitação Técnica para os novos e recertificação Técnica para os antigos (RIO GRANDE DO SUL, 2022, p.4).

Em relação às atribuições profissionais, tanto os Guarda Vidas Militar Estadual (GVME) quanto os Guarda Vidas Civil Temporário (GVCT) desempenham a mesma função na guarita, embora com algumas particularidades operacionais. Como parte da hierarquia, os GVCT estão subordinados aos militares, que podem desempenhar outras funções além da atividade de 'guariteiro'. Já os GVME podem atuar como operadores de moto aquática e quadriciclos, fiscais de praia e assumir cargos de comando, conforme as patentes que possuem. A maior diferença entre eles está na remuneração. Enquanto os GVCT recebem um valor de R\$2.120,00 (dois mil cento e vinte reais), com acréscimo de 100% a título de risco de vida (PROA nº 23/1207-0001869-3), totalizando, após descontos, cerca de R\$3.800 (três mil e oitocentos reais), os GVME recebem o seu soldo e em média R\$ 6.030 (seis mil e trinta reais) em diárias, uma diferença significativa de R\$2.230 (dois mil, duzentos e trinta reais) para desempenharem basicamente a mesma função, evidencia a disparidade na remuneração.

¹ Vencimento de militares de qualquer posto ou graduação.

Considerando essas informações preliminares e que as práticas corporais aquáticas fazem parte do campo de conhecimento da Educação Física, inclusive se as relacionarmos com temas de discussão que podem ser desenvolvido na escola e com o campo de atuação profissional da Educação Física - seja no âmbito escolar e não escolar, delimitamos e construímos essa investigação a partir do seguinte problema de pesquisa: Como os Guarda Vidas Civis Temporários percebem o trabalho de guarda vidas e o relacionam com suas vidas pessoais, profissionais e com a Educação Física escolar?

Por tanto, a seguir apresentaremos os procedimentos metodológicos desta pesquisa e as análises das informações produzidas, as quais estão organizadas em duas categorias que nos permite identificar especificidades do trabalho de GVCT e o modo como vinculam seu trabalho com o dos professores, inclusive do componente curricular Educação Física.

Procedimentos metodológicos

Preliminarmente, é importante frisar que esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP), com número de parecer: 6.471.508. A submissão foi realizada após autorização prévia do chefe da Divisão de Operações e Defesa Civil do Comando Regional Bombeiros Militar Metropolitano - DODC/CRBMM e Coordenador da 6ª Operação Verão 2022/2023 através da assinatura na Carta de Anuência institucional. Sendo que, somente após a aprovação do COEP, os participantes da pesquisa foram contatados, concederam as informações de pesquisa e autorizaram a sua utilização neste artigo por meio da assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa descritiva. De acordo com Godoy (1995), os traços proeminentes da abordagem qualitativa têm natureza exploratória, descritiva e interpretativa, indicando que sua proposta visa compreender a complexidade e a subjetividade das experiências humanas, assim como identificar significados atribuindo às situações que ocorrem, ao que é vivido e compartilhado socialmente. Segundo Negrine (2010), a pesquisa qualitativa prioriza a diversidade de vozes e significados dentro de um determinado grupo de sujeitos. Em vez de quantificar dados, geralmente traduzidos em números, a pesquisa qualitativa prioriza as informações que descrevem as experiências subjetivas e as perspectivas individuais dos participantes, uma vez que reconhece que a organização social e as práticas sociais são construídas pelos próprios sujeitos que as compartilham, os quais possuem diferentes pontos de vista e narrativas sobre as mesmas situações vividas (GODOY, 1995).

Por isso o pesquisador qualitativo não busca quantificar informações, tampouco apresentar dados estatísticos ou estabelecer generalizações (GODOY, 1995). Sua proposta é identificar e compreender fenômenos sociais a partir do entendimento das pessoas que compartilham o contexto social investigado (NEGRINE, 2010). Logo, a pesquisa qualitativa é um processo iterativo, no qual o pesquisador utiliza procedimentos metodológicos adequados, como entrevistas, observação e narrativas que permitam produzir informações passíveis de análises reflexivas, os quais podem ser ajustados pelo pesquisador durante a pesquisa, à medida que seja necessário ajustar suas perguntas, pautas de observação ou utilizar novas estratégias de produção de informações para responder à pergunta de pesquisa (NEGRINE, 2010).

Tanto Godoy (1995) quanto Negrine (2010) concordam que a pesquisa qualitativa é flexível, interativa e sujeita a mudanças ao longo do processo de investigação. Ela permite que o pesquisador se aprofunde no fenômeno estudado, explorando seus aspectos mais sutis e emergentes. Além disso, a pesquisa qualitativa enfatiza a imersão do pesquisador no campo, buscando uma compreensão aprofundada da realidade e o estabelecimento de uma relação de proximidade com os participantes da pesquisa. O pesquisador também reflete sobre seu

próprio papel e posicionamento durante o processo de pesquisa, reconhecendo como suas experiências e perspectivas podem influenciar a interpretação das informações (NEGRINE, 2010).

Nesta pesquisa, as informações foram produzidas por meio de cinco entrevistas semiestruturadas. Conforme por Negrine (2010), as entrevistas semiestruturadas são propícias para explorar informações detalhadas e significativas, realizadas a partir de um roteiro de perguntas. Para isso, foram desenvolvidas quatorze perguntas, divididas em seis tópicos distintos. Os temas abordados incluíram: informações iniciais para contextualização, a trajetória e experiência dos entrevistados como guarda-vidas, influência do trabalho de guarda vidas em suas escolhas pessoais e profissionais, desafios enfrentados e reflexões finais. Essa estrutura possibilitou que os participantes aprofundassem os assuntos que consideravam mais relevantes, agregando particularidades e detalhes fundamentais para a compreensão das suas vivências e percepções.

Para realizar a pesquisa, inicialmente buscamos informações sobre os guarda vidas que atuam no litoral norte gaúcho. Atualmente, os guarda vidas do litoral norte do estado estão organizados em nove pelotões, que vão dos municípios de Torres até Tavares. A escolha do polo de praia para a realização do estudo se deu pela fácil aproximação com os GVCT por já estar inserido no meio. Já a escolha dos entrevistados passou por uma seleção que aconteceu por meio de um grupo de conversa no aplicativo de mensagem *Whatsapp*. O grupo é composto por vinte e cinco integrantes que atuaram na temporada de 2022/2023, sendo que nele estão cinco GVME, em que quatro atuaram como fiscais de praia e o outro como Comandante de pelotão e vinte GVCT. Foi realizado um levantamento para apurar o número de operações de cada integrante. Após as devolutivas, foram selecionados os cinco GVCT com maior número de operações para realizarem uma entrevista. Não tendo critério de exclusão, foram selecionados os primeiros cinco GVCT da lista, os quais aceitaram participar do estudo e estão identificados no quadro a seguir, cujos nomes são fictícios para preservar as suas identidades.

Quadro 1 - Participantes da pesquisa

NOME	IDADE	Nº DE OPERAÇÕES	PROFISSÃO
Mathias	33	13	Operário da construção civil
Márcia	30	12	Professora de natação
Diego	33	7	Operário da construção civil
Alfredo	35	7	Pescador
Marcos	24	5	Tatuador

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Após o levantamento sobre o número de operações em que cada GVCT havia participado, os cinco integrantes que colaboraram com a pesquisa foram, quatro homens e uma mulher. Antes de conduzir as entrevistas, foi disponibilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que enfatizava a proteção e a confidencialidade dos dados dos participantes. Após o aceite das condições por parte dos cinco integrantes, as entrevistas foram realizadas remotamente pelo aplicativo Google Meet. Foi utilizado o recurso de gravação de tela para, posteriormente, extrair os dados relevantes à pesquisa e disponibilizar aos participantes. Cada entrevista teve, em média, a duração de 30 minutos.

Por sua vez, a análise e possibilidade de estabelecer conclusões estão diretamente relacionados ao procedimento de análise utilizado, o qual, nesta pesquisa, consistiu no processo denominado de triangulação. Com este processo, foi possível alcançar a validação e o enriquecimento das conclusões desta pesquisa. Essa abordagem rigorosa aumenta a confiabilidade e a credibilidade das conclusões obtidas a partir da análise das informações

(Marcondes; Brizola, 2014; Azevedo et al., 2013). Nesse processo de triangulação, consideram-se não apenas diferentes fontes empíricas, mas também a inclusão do referencial teórico, pelas quais se enriquecem as descobertas e se estabelece interpretações e o exame crítico da pesquisa.

Feitas as análises, foram identificadas duas categorias distintas para a discussão, a primeira ‘O ingresso no trabalho de GVCT: uma mistura de experiências prévias e possibilidades circunstanciais’ que abordará as experiências dos GVCT no contexto de suas vidas profissionais e pessoais. E a segunda, intitulada “Educação Física escolar: processo de formação para além da prática”, onde serão realizadas discussões sobre como as aulas como momento de conscientização, não apenas de experimentação corporal.

O ingresso no trabalho de GVCT: uma mistura de experiências prévias e possibilidades circunstanciais

As necessidades da vida adulta (despesas com casa, carro, filhos, estudos, ...) e a oportunidade de trazer uma condição melhor para suas famílias foram lhes conduzindo até esta profissão, ou seja, essas demandas influenciaram diretamente suas experiências de vida, moldando suas percepções do mundo e a forma como viam e utilizavam seus corpos. Com isso, queremos dizer que nenhum dos entrevistados cresceu com o sonho de se tornar guarda vidas. Porém, todos tinham uma característica no mínimo em comum, as práticas corporais aquáticas em suas rotinas. Suas trajetórias foram influenciadas pela gama de experiências corporais, especialmente no ambiente aquático.

Nesse caso, o ingresso dos GVCT na profissão foi impulsionado por diversas razões. Alguns viram na profissão a oportunidade de melhorar sua condição financeira, especialmente aqueles que buscavam alternativas para aumentar sua renda. Já outros, se sentem atraídos pela oportunidade de terem contato direto com a natureza, influências de familiares, a busca por trabalhos menos exaustivos, ex-atletas de natação e até menos pescadores que são impedidos de exercer sua profissão no período de piracema. Antunes (2018) destaca que a busca por alternativas remuneradas é impulsionada por uma diversidade de fatores, que vão desde as condições do mercado de trabalho até a procura por atividades menos desgastantes.

“Eu tava procurando outro serviço, fora do que eu estava trabalhando (construção civil) na época e por um acaso eu acabei vendo o edital. E quando li o edital.... Nossa, era bastante bonito, eram bastante vantagens e um trabalho que por mais que precise ter uma dedicação, não é tão braçal, sem ser os treinos. Então acabei querendo muito e comecei a treinar.” (Marcos, entrevista, outubro/2023)

“Eu desde guri ali, quando ia pescar na praia já tinha os Guarda Vidas, aí depois começou os Guarda Vidas Civil. Com o tempo fui pegando gosto e fui. Fiz o primeiro ano (2017), gostei e fiquei” (Alfredo, entrevista, outubro/2023)

“Na praia mesmo, como eu era atleta de natação eu tinha que nadar mesmo estando de férias, eu nadava no mar. No primeiro lagamarzinho mesmo, minha mãe ficava na beira de praia e eu respirava sempre pro lado dela... sempre treinando. Então eu acabei conhecendo os guri da guarita onde eu veraneava e através deles eu descobri o que eram os Guarda Vidas.” (Márcia, entrevista, outubro/2023)

Embora os GVCT tenham ingressado na profissão por motivos variados, como a busca por uma renda adicional ou de manter uma conexão com suas experiências aquáticas anteriores, é importante ressaltar que para todos eles o trabalho como guarda vidas é visto como uma oportunidade de fazer um trabalho extra. Alguns GVCT conseguem conciliar duas atividades remuneradas simultaneamente, sendo o de GV como renda extra. Enquanto para

outros o salário é tão significativo que é considerado o ‘salário do ano’, representando como boa parte dos ganhos anuais.

“Durante o verão trabalho nos dois né...Mas ainda sim o GV toma um tempo ali né, por mais que seja só um turno é um meio para cada um.” (Marcos, entrevista, outubro/2023)

“Eu boto muito balança em questão do salário. Que nem eu... tipo, pegar um serviço que é pra ganhar R\$1.300 que é um salário base, não tem como. Até por que eu teria que ganhar acima de R\$2.000 pra poder manter a casa e as contas... Enquanto eu não achar um emprego que valha a pena, vou continuar indo de guarda vidas.” (Alfredo, entrevista, outubro/2023)

No caso dos GVCT entrevistados, é possível perceber que a opção por ingressar na profissão guarda vidas nunca foi previamente pensada ou planejada. Trata-se de uma casualidade, uma alternativa que pareceu uma boa possibilidade de trabalho, algo circunstancial. Isso não significa que a profissão não era conhecida anteriormente ou que eles não tenham apreço e admiração pela profissão ou que não reconheçam a sua relevância social, mas sim, que nunca se tratou de uma meta pessoal/profissional, tampouco pensada como projeto profissional. Em outras palavras, atuar como guarda vidas pode ser considerado como “fazer um bico”, ou seja, uma atividade laboral sem perspectiva de continuidade, cuja principal finalidade é complementar a renda financeira, pouco importando qual é o tipo de trabalho que será desempenhado.

Essa perspectiva não é nada surpreendente, basta considerar a condição “temporária” explícita na própria designação do cargo. Contudo, o que a profissão de guarda vidas não é compreendida como um projeto de vida profissional, uma vez que consiste numa possibilidades de emprego que surgem de forma circunstancial (DUBAR, 2009). Tal como explica Dubar (2009, p. 124), muitos empregos são configurados a partir da lógica de mercado capitalista e, nessa lógica, se constituem como “novas formas de atividades mais aleatórias”. Com isso, queremos frisar é que a forma como algumas profissões foram ajustadas à lógica de mercado capitalista indica que vivemos atualmente os efeitos de um processo de “desagregação da sociedade salarial”, observável na desregulação do mercado de trabalho e no risco de “desfiliação” com os locais de trabalho (DUBAR, 2009, p. 127). De acordo como o autor:

A questão principal já não é saber quais atividades constituem “profissões” ou quais indivíduos se tornam “profissionais”, mas compreender e, se possível, explicar tanto as transformações do acesso ao emprego como as reestruturações dos planos de carreira que implicam exclusões duradouras da esfera das atividades reconhecidas. (DUBAR, 2005, p. 221)

Nessa configuração, os trabalhadores são usados temporariamente e, na sequência, descartados sem qualquer indicação de manutenção no cargo ou contratação futura. O resultado são profissionais que desempenham um trabalho sabendo que não podem entendê-lo como sua profissão nem como meta profissional. Por conseguinte, são relegados sempre a segundo plano, a mero complemento de carga horária, cujas implicações podem ser nocivas tanto ao seu comprometimento com a própria função desempenhada quanto com a própria profissão.

Sabendo as possíveis implicações profissionais de atuar em condição temporária, procuramos saber as dificuldades enfrentadas pelos guarda vidas entrevistados. Segundo eles, após ingressarem na profissão, as percepções dos indivíduos sobre a realidade sobre do trabalho do GV sofreram mudanças. Inicialmente, depararam-se com um ambiente predominantemente militar, o que, para alguns, tornou os primeiros momentos desafiadores.

No entanto, com o decorrer do tempo, a convivência permitiu que as relações se estabeleçam de forma mais saudável, como relatam os próprios GVCT:

“No início foi meio difícil... Mas mudou quando fizemos um salvamento. O cara infartou ali no meio da praia, enfim... O cara era daqueles militar, antigão. 1º Sargento da época da Brigada e desde então, aquilo foi um divisor de águas para nós, sabe? Depois o cara começou a se abrir mais e tal. Hoje em dia ele é meu 10.” (Mathias, entrevista, outubro/2023)

“No começo não falavam muito comigo, pareciam que estavam sempre me testando. Mas depois de duas semanas de trabalho a gente começou a se dar bem. Fizemos alguns salvamentos e fomos criando uma relação muito boa. Hoje toda vez que nos vimos nos abraçamos.” (Alfredo, entrevista, outubro/2023)

Mesmo com as adversidades no início da carreira, em geral os entrevistados mencionam que o ambiente de trabalho é agradável, pautado pela parceria e pelo apoio mútuo entre colegas, fazendo com que muitos busquem sempre retornar ao trabalho na temporada do ano seguinte. Todavia, entendemos que este não seria o principal motivo para continuar a atuar como guarda vidas, levando-nos a questionar: É possível planejar um futuro profissional de guarda vidas? O que garante a continuidade dos GVCT ao longo dos anos? Quais são os efeitos da condição temporária no trabalho desenvolvido pelos GVCT?

Sobre essas dúvidas, destacamos as considerações do guarda vidas Mathias:

“Muita gente boa, muita gente profissional pra caramba tá deixando de vir. Primeiro salário defasado, questões de escala onde só os GVCT vão pra escala fixa, o que não aconteceu no nosso polo aqui porque vários militares também foram. Então esse tipo de coisa que eu vejo que desagrada o pessoal... Vai mais afastando do que atraindo. Tudo é demorado, a rescisão... Tudo muito demorado. Se for parar pra pensar é difícil ser Guarda Vidas (GVCT). Cada um cada um, tem gente que nasce com o dom, mas se o cara não treinar o ano, velho, te abdicar da tua vida, de deixar de tá com tua família pra tá treinando. Nós aqui na praia temos uma ou duas piscinas, mas é difícil o acesso às vezes. Pô, quando vê o cara trabalha o dia todo em horário comercial, aí estuda ou tem família. Tem que te manter no foco, tem que te manter treinado e essas coisas desagradam sim. Eu sempre penso assim, se o cara tem experiência, pô, vamos trazer o cara. Pensar num plano de carreira pros caras (GVCT), vão ser seis meses ou cinco meses certo de contrato. A gente não sabe que dia começa, estamos no dia 4 de outubro e a gente não sabe que dia vai começar a operação e muito menos que dia vai acabar. Então são coisas que precisam se pensar. Tem gente que tem família e não mora na praia, aquela coisa do salário, as vezes demora 40 dias para recebermos o primeiro salário, então é difícil cara.” (Mathias, entrevista, outubro/2023).

Situações como as identificadas pelo entrevistado reforçam o questionamento feito por Dubar (2009, p. 226): “Como construir projetos profissionais quando nos arriscamos a ficar expostos a eventualidades permanentes e os comportamentos oportunistas podem tornar-se os mais gratificantes?”. Nesse caso, a incerteza da condição temporária faz com que eles estejam sempre prontos para aproveitar outras oportunidades de trabalho que possam ocorrer. Ao mesmo tempo, não investem na profissão porque sabem que podem ou não atuar no ano seguinte. Na prática, a experiência profissional em ser guarda vidas, todo o conhecimento adquirido ao longo das temporadas anteriores, pode ser perdida de um ano para o outro se o GVCT optar em não atuar novamente em função de outra atividade de trabalho que possa surgir, indicando uma perda considerável para o próprio ambiente de trabalho.

De acordo com Sennett (2009, p. 21) a flexibilização dos vínculos empregatícios pode ser sintetizada na premissa de que “não há longo prazo”, indicando que as qualidades de ser um bom profissional não garantem a continuidade na profissão, como em tempos antigos. Sob

tal premissa, é possível dizer que a flexibilidade dos vínculos empregatícios e a possibilidade constante de mudança de emprego “afrouxa os laços de confiança e compromisso e divorcia a vontade do comportamento” (SENNETT, 2009, p. 33). Ainda sobre isso, o autor destaca que o princípio “não há longo prazo” corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo, isto é, do local de trabalho com o trabalhador e do trabalhador com seu emprego (SENNETT, 2009, p. 24). Nesse caso, tão logo os empregados percebem que não podem contar com a empresa, sentem-se negociáveis e entendem que é melhor não se comprometer e não se sacrificar (SENNETT, 2009).

Todavia, por outro lado, a escolha de permanecer atuando na profissão não se resume apenas às questões financeiras, mas diversos outros fatores que acabam colocando significados às suas vidas. A paixão pela natureza, a qualidade de vida proporcionada pela rotina de treinamento e a sensação de ‘salvar alguém’ elencado com a valorização social, são os principais pontos abordados pelos GVCT.

“Isso vira um estilo de vida né cara. Tu trabalha com teu corpo né. Eu pelo menos, já não sou tão novo, tô com 33 anos. Então com 20 anos era uma coisa agora com 33 anos, família, serviço... Tu te regra com alimentação, treinamento, com todos hábitos em geral.” (Diego, entrevista, outubro/2023)

“É como diz a música né ‘Meu escritório é na praia e eu tô sempre na área’. Pra mim é muito bom tá na beira da praia. Vim de família de pescador, meu pai, meus tios, todos eram... Me considero um filho do mar. Sou muito abençoado pelas oportunidades que ele me deu e poder trabalhar cuidando dos banhistas é uma honra pra mim.” (Alfredo, entrevista, outubro/2023)

“É a gratidão né, a gratidão do público. Tu chegar ali na praia, não é tu ser visto diferente, mas é tu ver a criança ali querendo subir na guarita, chegar e te cumprimentar. Tu chegar na praia e o pessoal te respeitar. Não que respeite, quando tu tá na folga né, mas tu ali usando a amarelinha (Regata dos GVCT), de serviço, tu vira referência. E outra é o salvamento né. Quem já fez sabe que é uma sensação boa.” (Mathias, entrevista, outubro/2023)

A soma destas falas nos faz pensar nas relações estabelecidas pelos GVCT. Mesmo diante dos desafios citados, o apeço à profissão continua, superando as barreiras financeiras e contratuais, algo que relacionamos com a ética profissional desencadeada pela própria singularidade da profissão, que é guardar vidas. Nesse caso, porque os GVCT criam um comprometimento com aqueles que dependem de seu trabalho, os/as banhistas, o que os faz se sentirem extremamente valorizados. Com isso, queremos destacar um aspecto que acreditamos que trata-se de um aspecto marcante da identidade profissional dos guarda vidas, indiferente se eles são temporários, o compromisso com a vida das pessoas que estão sob a sua responsabilidade. Trata-se de uma atitude profissional ética construída por aqueles que guardam vidas na medida em que exercem a profissão e compartilham os mesmos valores com seus colegas de profissão. Conforme Dubar (2009, p. 117), são características profissionais estabelecidas a partir das relações do trabalhador com, e no, trabalho, uma vez que essas identidades profissionais podem ser definidas como “maneiras socialmente reconhecidas, de os indivíduos se identificarem uns aos outros no campo de trabalho e do emprego”.

Entendemos que essa característica revela uma especificidade da profissão de guarda vidas que diverge daquela apresentada por Sennett (2009). Pois, mesmo cientes de que “não há longo prazo” na profissão de GVCT, tal condição pode indicar que é seria melhor não se dedicar à profissão, mas não ocorre porque a falta de dedicação poderia acarretar na perda de vidas humanas - algo inaceitável para qualquer guarda vidas. E mais, diante do compromisso ético com a vida das pessoas - mobilizado pela valorização da comunidade que os reconhece

dessa forma - os GVCT entrevistados entendem que precisam de melhores condições com prazos de contratos pré estabelecidos e relações contratuais e remuneração adequadas, todos destacam a necessidade de investir na conscientização das pessoas sobre os perigos de afogamentos, algo que eles sabem que não têm condições de realizar com a dimensão necessária, exigindo apoio de outras instituições. Para exemplificar esse pensamento, destacamos o seguinte relato:

“O serviço de GV (CBMRS) não tem uma estrutura tão forte para passar nas escolas avisando, entendeu? Dando uma instrução lá no ensino fundamental ou no ensino médio, que seja. Para que quando as pessoas cheguem na praia elas já tenham o mínimo de informação e o que a gente passe seja realmente uma prevenção e não só a informação.” (Marcos, entrevista, outubro/2023)

O trecho acima foi a resposta sobre o que poderia ser feito para melhorar o trabalho de guarda vidas. No caso, em vez de reivindicar melhor estrutura física e de equipamentos de resgate, os entrevistados enfatizaram que o trabalho de prevenção seria muito mais eficaz para diminuir gradativamente os riscos e o número de afogamentos. Prevenção que, segundo eles, precisa ser fomentada entre o maior número de pessoas, principalmente entre crianças e adolescentes, condiz com a educação e pode ser promovida pelas escolas.

Educação Física escolar: processo de formação para além da experimentação corporal

Conforme dados atualizados da Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático - SOBRASA, no Brasil, a cada uma hora e meia morre um brasileiro afogado. Esse é o principal motivo de óbitos entre crianças de 1 a 4 anos, 3º causa de 5 a 9 anos e 4º causa dos 10 aos 24 anos. A média brasileira é de 15 óbitos por dia, sendo que 4 são crianças (Boletim Brasil, 2023).

Esses dados demonstram a importância de programas de conscientização da população sobre o afogamento. E não só nas praias, mas também em rios e piscinas. Embora os documentos como a Base Nacional Comum Curricular e Parâmetros Curriculares Nacionais não abordam especificamente sobre a prática da natação ou a prevenção ao afogamento, elas trabalham com a ideia de conscientização e educação ambiental. Que acabam abrangendo não apenas aspectos ecológicos mas também da relação do indivíduo com o meio ambiente. Portanto, a educação ambiental integra-se como um componente crucial na orientação sobre a prevenção de afogamentos, mesmo que de forma indireta, oferecendo uma convivência responsável e segura com o meio ambiente, principalmente o aquático.

Visando estabelecer a relação entre educação e conscientização, a SOBRASA oferece uma variedade de recursos gratuitos em seu site, desde jogos educativos, materiais de ilustração e quadrinhos informativos sobre a prevenção de afogamentos, até cursos online, programas e eventos voltados especificamente para a prevenção de afogamentos. Um dos materiais disponibilizados é o Kim na Escola (SOBRASA, 2018), cujo objetivo é contribuir com informações pertinentes para:

Ensinar crianças de 5 a 12 anos de idade as diferentes formas de como se relacionar com a água de forma mais segura, evitando o afogamento, e ainda leva essa mensagem aos pais e responsáveis pelas crianças em seu domicílio. (SOBRASA, 2018)

Conforme detalhado no Kim na Escola (SOBRASA, 2018), o programa consiste em uma intervenção de 50 minutos na sala de aula de escolas públicas e privadas. As turmas são divididas conforme sua faixa etária, do 1º ao 5º ano com a presença de um guarda vidas

voluntário da SOBRASA, equipado com seu uniforme completo e com materiais de segurança aquática como, tubo de resgate (Life belt / Rescue Can), nadadeiras, boné e óculos de sol. As crianças assistem 3 vídeos com duração de 20 minutos em formato de animação sobre prevenção ao afogamento em todos os cenários possíveis: praias, rios, piscinas e até mesmo inundações. Após, segue para um diálogo entre guarda vidas e alunos a fim de instigar mudanças de comportamento ao meio líquido. Ao final ainda é disponibilizado gibis educativos para as crianças com informações relevantes sobre o assunto e incentivado para que os alunos joguem os jogos que estão no site da SOBRASA. Todo o treinamento e conduta do Guarda Vidas responsável pela prática estão descritas no manual.

Cientes dessa tarefa, os GVCT entrevistados destacam a importância dos banhistas sempre buscarem tomar banho próximos às guaritas de salvamento e ficarem atentos às bandeiras de balizamento, que além de indicarem local seguro de banho, sinaliza buracos e correntes de retorno. Para os entrevistados, é fundamental que a escola auxilie com a formação da comunidade sobre a educação ambiental e a prevenção de afogamentos. A abordagem pedagógica, focada na conscientização e na formação de indivíduos críticos sobre o assunto, pode ser facilmente incorporada às aulas, sem a necessidade da escola ter uma piscina, por exemplo. Isso nos reflete a fala do Mathias:

“Daqui a pouco tá chegando na praia os pais e as crianças tão pegando pela mão (os pais) e indo entre bandeiras. Os filhos vão dizer, vão ‘tocar’ nos pais deles. ‘Pai, mas eu aprendi que é legal é entre bandeiras’. Sempre vai ter os ‘tigre’ que vão querer ir longe. Mas eu acredito que falta um pouco mais de divulgação.” (Mathias, entrevista, outubro/2023)

“Cada profissional trabalha de um jeito, né. Eu procuro sempre trabalhar com a informação, porque muitas das vezes quando elas estão ali na beira, elas não entendem o serviço que a gente faz. Muitas vezes, algumas delas levam até como um xingão. Então eu trabalho muito com a informação. De chegar na pessoa, tranquilo, cumprimentar ela, perguntar como ela tá e informar o porque aquilo aconteceu, pra que ela não seja apenas avisada e saber o porquê ela está sendo avisada. Preventivo e informativo, às vezes só a prevenção não ajuda porque depois a pessoa pode repetir o mesmo erro sem saber.” (Marcos, entrevista, outubro/2023)

“Cada guarita tem a sua cultura. No meu caso, já estou a doze anos na mesma guarita, o pessoal já me conhece, então já é mais tranquilo, me dão bom dia, boa tarde, me perguntam como eu tô. É como eu digo as minha crianças já cresceram, os pais que levavam eles pra tirar foto com nós já estão grandes. Então tá mudando um pouco a cultura em volta da minha guarita principalmente, porque eu vim cultivando né, é claro doze anos... os bebês hoje já estão com doze anos. Isso mudou e pra melhor.” (Márcia, entrevista, outubro/2023)

A partir das considerações dos GVCT, entendemos que a escola aparece como grande aliada para essa luta, pois através da educação podemos formar indivíduos capazes de compreender o mundo que os cercam, agindo de maneira mais ativa na sociedade. Tal como defende Freire (1979):

A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. (FREIRE, 1979, p. 15)

Nesse sentido, temas relativos à conscientização e o meio aquático podem ser trabalhados nas escolas em uma abordagem interdisciplinar, permitindo que as diversas áreas de conhecimento se conectem para a apropriação de um mesmo saber e incorporando ainda mais o estudo e ampliando a visão do estudante sobre o assunto. Até porque:

Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e engajamento de educadores num trabalho em conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de um mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual (LUCK, 2003, p. 64).

No contexto da prevenção ao afogamentos, a abordagem interdisciplinar pode ser muito eficaz, uma vez que este é um tema que abrange aspectos muito interessantes das áreas de ciências naturais, geografia e linguagens. Integrar essas disciplinas no estudo da segurança aquática não apenas enriquece o entendimento dos alunos, mas também os prepara para aplicar esses conhecimentos de forma prática em suas vidas. As práticas poderiam ser desenvolvidas em semanas específicas em parceria com outro programa da SOBRASA (2023), o Piscina + Segura, que tem como lema ‘Educar para não se afogar’. Segundo os materiais disponibilizados, este programa trabalha com quatro semanas durante o ano nos meses de fevereiro, maio, agosto e novembro sendo que o último mês é considerado o da conscientização ao afogamento aquático. Também é fornecido treinamento para os professores. Diferentemente do Kim na Escola, este projeto já visa mais a práticas nas aulas de natação, porém todos os seus conceitos podem ser trabalhados em sala de aula.

Outra possibilidade sugerida pelos GVCT é problematizar as práticas corporais nas aulas do componente curricular Educação Física, o que, nesse caso, ocorre por meio de discussões, sem a necessidade de experimentações corporais. Os GVCT sabem da dificuldade e, por vezes, impossibilidade de desenvolver práticas corporais aquáticas com os estudantes nas aulas de Educação Física, mas entendem que os professores podem contribuir com a formação de cidadãos conscientes e críticos.

De acordo com Bracht (1999), os professores de Educação Física desempenham um papel fundamental na disseminação de informações e na problematização da vida social, uma vez que:

A dimensão que a cultura corporal ou de movimento assume na vida do cidadão atualmente é tão significativa que a escola é chamada não a reproduzi-la simplesmente, mas a permitir que o indivíduo se aproprie dela criticamente, para poder efetivamente exercer sua cidadania. (BRACHT, 1999, p. 82).

Tal como identificado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017):

É possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (BRASIL, 2017, p. 213).

Dessa forma, a própria BNCC indica a possibilidade de explorar temáticas sobre a participação social nas aulas de Educação Física, considerando como crucial as temáticas ligadas ao processo que vincula educação, cultura corporal e vida em sociedade. Considerando que a educação Física discute significados culturais das práticas corporais, “a Educação Física precisa reconhecer e apropriar-se dos conhecimentos já existentes no campo

da Educação Ambiental, construindo novos saberes, para além de uma formação restrita à matriz técnico-instrumental que enfatiza aspectos técnico-esportivos” (NEUENFELDT, 2016, p. 19).

Talvez, o professor de Educação Física não trabalhe com o ensino da prática corporal aquática por meio de experiências corporais, mas pode promover a construção de conhecimento e conscientização dos riscos associados ao meio aquático, bem como a importância de adquirir habilidades preventivas. Conforme identificado por Neira (2009, p. 2), o objetivo da Educação Física “é o mesmo objetivo da escola: colaborar na formação das pessoas para que elas possam ler criticamente a sociedade e participar dela atuando para melhorá-la”. Dentro dessa missão, segundo o autor, a Educação Física analisa é o patrimônio corporal, investiga como os grupos sociais se expressam pelos movimentos e reflete sobre quais alternativas e alterações são necessárias para vivenciá-las no espaço escolar e na sociedade (NEIRA, 2009). Com isso, queremos dizer que as aulas de Educação Física não se restringe a experimentação de práticas corporais, pois pode constituir um momento de diálogo, problematização e formação que nem sempre exige aquilo que geralmente é identificado como aula prática.

A realidade de grande parte das escolas sem acesso a uma piscina coloca o professor de Educação Física diante do desafio de educar os alunos sobre os perigos aquáticos, mesmo sem o recurso da prática na água. Em vez do ensino da natação, o papel do professor se estende para a compreensão do ambiente aquático e promover medidas de prevenção. Essa abordagem permite que os alunos se capacitem para lidar com situações de risco, independentemente de seu nível de habilidade na natação.

Os ensinamentos sobre segurança aquática, promovidos na escola ou em programas de conscientização, não se restringem aos alunos. A criança, como parte integrante da família, muitas vezes compartilha e dissemina o conhecimento adquirido para seus pais e membros da família. Essa troca de informações não apenas reforça a compreensão sobre os riscos e medidas preventivas, mas também destaca o papel influente que as crianças desempenham no contexto familiar. A criança é uma fonte de conhecimento e ensinamento; ela não apenas aprende, mas ensina, interferindo no ambiente familiar com seu aprendizado. Essa influência das crianças nas decisões familiares pode ser um fator significativo na conscientização e na promoção de práticas seguras relacionadas à prevenção de afogamentos.

Considerações finais

Ao retomarmos a pergunta que orienta a construção desta pesquisa - Como os Guarda Vidas Civis Temporários percebem o trabalho de guarda vidas e o relacionam com suas vidas pessoais, profissionais e com a Educação Física escolar? -, observamos que, embora alguns GVCT possam considerar sua profissão como um trabalho temporário ou um ‘bico’, sua dedicação não é prejudicada, pois reconhecem a importância social de sua função. E a Educação Física entra como um componente curricular com grande potencialidade para exercer o papel da conscientização ao afogamento. Não ensinando a prática do nado em si, mas sim discutindo sobre o tema e trabalhando maneiras seguras de se relacionar com o ambiente aquático.

Ao ingressarem na profissão com a intenção inicial de resgatar e salvar pessoas, os GVCT, ao longo do tempo, compreendem a necessidade de educar e conscientizar essas pessoas, adotando uma abordagem preventiva. E neste processo a construção de conhecimento e conscientização são fundamentais, algo que pode ser potencializado junto com outras instituições, como escolas e universidades.

No decorrer desta investigação, emergiram aspectos fundamentais que apontam para a necessidade de valorização social e reconhecimento institucional no ambiente de atuação dos GVCT.

A importância deste reconhecimento não se restringe apenas ao comando, mas se estende ao papel educativo das escolas e universidades, para o desenvolvimento de estudos e pesquisas para melhor compreensão sobre a função e o contexto do trabalho dos Guarda Vidas. Como também, a valorização do GVCT não se baliza apenas ao aspecto financeiro, mas está diretamente ligada à apreciação e ao reconhecimento de seu trabalho.

Portanto, reforça-se a importância de conduzir pesquisas qualitativas que envolvam os próprios indivíduos, como os GVCT, que vivenciam diretamente a temática abordada. Aprendendo com as experiências e perspectivas desses profissionais, a Educação Física pode avançar na construção de conhecimento, estabelecendo uma ligação concisa com a sociedade e suas necessidades. A interação entre a prática e a teoria, aliada à valorização social e institucional, possibilita uma abordagem mais eficaz e relevante das questões de segurança aquática, beneficiando a sociedade em geral.

Por outro lado, a Educação Física Escolar pode tratar de temas relevantes, como a prevenção de afogamentos, a partir da educação ambiental, como assuntos que emergem das vivências sociais. O componente curricular vai além das práticas corporais, insere-se na construção de conhecimentos sobre a experiência humana, envolvendo saberes conceituais e práticos que superam a mera prática de movimentos. A abordagem na Educação Física não se limita a simples experimentações corporais, mas exige a construção de conhecimentos que agreguem compreensão e reflexão.

Sob a ótica dos dados coletados, reiteramos a importância das pesquisas qualitativas e do diálogo com os próprios sujeitos inseridos nesse contexto. A relevância de aprender com as pessoas diretamente envolvidas na temática, em paralelo com as práticas acadêmicas, proporciona avanços significativos na área da Educação Física, evidenciando sua forte conexão com a sociedade e suas demandas sociais.

Referências

ANTUNES, R. **O Privilégio da Servidão**. [s./]: Biotempo Editorial, 2018.

AZEVEDO, C. E. F.; OLIVEIRA, L. G.; GONZALEZ, R. K.; ABDALLA, M. M. A estratégia de triangulação: objetivos, possibilidades, limitações e proximidades com o pragmatismo. **IV encontro de ensino e pesquisa em administração e contabilidade**, Brasília, DF, 3 a 5 de novembro de 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enepq5.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos CEDES**, Campinas, ano 19, v. 19. n. 48, ago., 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3NLKtc3KPprBBcvgLQbHv9s/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2022. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

DUBAR, C. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Trad.: Mary A. L. de Barros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 nov. 2023.

LUCK, H. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MARTINEZ, M. Salva-Vidas. **InfoEscola**, 2022. Disponível em: <https://www.infoescola.com/profissoes/salva-vidas/>. Acesso em: 26 out. 2023.

NEGRINE, A. **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre-RS, Editora Meridional LTDA, 2010.

NEUENFELDT, D. J. **Educação Ambiental e Educação Física escolar: uma proposta de formação de professores a partir de vivências com a natureza**. 2016. Monografia (Doutorado) – Curso de Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 22 nov. 2016. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/c650463c-0276-4890-a8fc-f477f4d9ab0d/content>. Acesso em: 26 out. 2023.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de. Interacao social e desenvolvimento: a perspectiva sociohistórica. **Cadernos Cedes**, n. 35, p. 51-63,1995.

PRATES, J. Histórico do dia do guarda-vidas. **Sobrasa**, 2005. Disponível em: http://www.sobrasa.org/news/origem%20do%20dia_GV.htm. Acesso em: 02 nov. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 15.897, de 24 de novembro de 2022**. Autoriza o Poder Executivo a contratar guardavidas civis, em caráter temporário. Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/LEI%2015.897.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 15.902, de 7 de dezembro de 2022**. Altera a Lei nº 14.018, de 22 de junho de 2012, que fixa o valor das diárias dos agentes públicos do Poder Executivo Estadual. Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/LEI%2015.902.pdf>. Acesso em: 13 out. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Segurança Pública. Corpo de Bombeiros Militar. **Processo Seletivo para Guarda-Vidas civis temporários do corpo de bombeiros militar – Metade Sul**. Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://www.diariooficial.rs.gov.br/materia?id=921008>. Acesso em: 11 nov. 2023.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Trad. Marcos Santarrita. 14.ed. - Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOBRASA. **Afogamentos:** O que está acontecendo? 10 ed. 2023. Disponível em: https://www.sobrasa.org/new_sobrasa/arquivos/baixar/AFOGAMENTOS_Boletim_Brasil_2023.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

SOBRASA. **Manual do organizador 2018.** Disponível em: https://www.sobrasa.org/new_sobrasa/arquivos/kim_na_escola/Manual_KIM_NA_ESCOLA.pdf. Acesso em: 20 out. 2023.

SOBRASA. Programa Piscina + Segura. 2023. Disponível em: https://www.sobrasa.org/new_sobrasa/arquivos/piscina+segura/tutorial_SEMANA_PISCINA+SEGURA.pdf. Acesso em: 26 out. 2023.

SZPILMAN, David. História do Salvamento Aquático no Brasil. **Szpilman**, [s.l], 2016. Disponível em: http://www.szpilman.com/historia/historia_salvamento_brasil.htm. Acesso em: 02 nov. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista

Informações Iniciais:

1) Idade, formação acadêmica (se tiver), tempo de experiência como Guarda-Vidas Civil Temporário e se exerce outra profissão durante o período do ano.

Experiência como Guarda-Vidas:

2) Como você se envolveu com o trabalho de Guarda-Vidas? (Acesso, orientações)

3) Como você descreveria o ambiente de trabalho como Guarda-Vidas? (Relação com colegas, banhistas, comando)

4) Quais são os principais desafios enfrentados no desempenho das suas funções?

Influência do trabalho de Guarda-Vidas nas decisões pessoais:

5) Você acredita que o trabalho como Guarda-Vidas impacta sua forma de ver o mundo e lidar com situações cotidianas?

6) Como o trabalho de Guarda-Vidas têm influenciado suas decisões pessoais?

7) Houve alguma mudança significativa em sua vida pessoal como resultado do trabalho de Guarda-Vidas?

Influência do trabalho de Guarda-Vidas nas decisões profissionais:

8) Em que medida o trabalho de Guarda-Vidas influencia suas decisões profissionais?

9) Você acredita que suas habilidades adquiridas como Guarda-Vidas têm relevância em outras áreas de sua vida profissional?

10) Quais são as competências que você considera mais importantes que foram adquiridas?

Desafios:

11) Quais são os principais desafios que você enfrenta ao equilibrar seu trabalho de Guarda-Vidas com outras áreas da sua vida?

12) Quais aspectos do trabalho de Guarda-Vidas você considera mais gratificantes ou recompensadores?

Considerações finais:

13) Existe algo mais que você gostaria de acrescentar sobre o tema da pesquisa?

14) Caso tenha algum comentário adicional ou sugestões sobre o tema, fique à vontade para compartilhar.

APÊNDICE B - NORMAS ACADÊMICAS - REVISTA MOTRIVIVÊNCIA

PREPARANDO O MANUSCRITO

1. Os textos devem ser submetidos apenas depois de passar por revisão técnica de Português (ou Espanhol, se for submetido nessa língua) quanto à sintaxe, concordância e semântica. Os textos que não atenderem a estes critérios serão devolvidos aos respectivos autores após a primeira análise de normalização.
2. Formato: os artigos devem ser submetidos em formato doc (Word); o arquivo não deve conter comentários.
3. Número de páginas: conter até 15 páginas em espaço simples;
4. Fonte: deve ser digitado em fonte Times New Roman, tamanho 12;
5. Formatação da página: todas as margens de 2,5 cm, em modelo A4.
6. Título: em português (ou em espanhol, se a submissão do texto for nessa língua), idêntico ao registrado nos metadados. A primeira letra da palavra inicial do título deve ser grafada em caixa alta (letra maiúscula) e as demais em caixa baixa (letras minúsculas), com exceção da primeira letra de nomes próprios e siglas. Caso haja um subtítulo, este deve ser grafado também em caixa baixa. A inserção do título no manuscrito deve ser centralizada e em negrito. **IMPORTANTE:** nenhuma chamada de nota de rodapé deve ser associada ao título.
7. Resumo: abaixo do título, deve ser inserido o resumo (ou resumen, se a submissão do texto for em língua espanhola) com, no máximo, 150 palavras. A letra inicial da primeira palavra do resumo deve ser em caixa alta (letra maiúscula). O resumo **NÃO** deve conter citação ou referência.
8. Palavras-chave: abaixo do resumo, inserir as palavras-chave (ou palabras-clave, se a submissão do texto for em língua espanhola). Estas devem ser constituídas por, no mínimo, três (3) e, no máximo, cinco (5) termos que identifiquem o assunto do artigo, separados por ponto e vírgula, sem ponto final.
Apenas a inicial de cada palavra-chave deve ser grafada em letra maiúscula.
9. A seguir, devem ser inseridos na seguinte ordem de apresentação: o título, o resumo e as palavras-chaves em inglês e em espanhol (ou em português e em inglês, se a submissão do texto for em língua espanhola). Os resumos nestas duas línguas também devem ter, cada um, no máximo 150 palavras.
10. Autores: na submissão do arquivo em formato Word **NÃO** devem constar os nomes dos autores ou qualquer outra forma de identificação dos mesmos no texto.
Obs.: a ordem da autoria do texto será rigorosamente a mesma da inserção dos nomes dos autores nos metadados (plataforma). Em nenhuma hipótese será permitido acrescentar ou retirar nome de coautor depois que o texto for encaminhado para avaliação.

11. Após esses dados iniciais, é desenvolvido o texto propriamente dito, seguido das referências. Todos os endereços de URL no texto e nas referências (Ex.: <http://www.ibict.br>) devem estar ativos.

12. Os autores devem cuidar para que a identificação de autoria seja removida das “propriedades” do arquivo .doc, conforme instruções disponíveis no item “Assegurando a Avaliação por Pares”. A exclusão das informações pessoais garante o critério de sigilo exigido para a avaliação por pares.

13. No ato da submissão, em formulário próprio de preenchimento obrigatório, os autores do texto deverão garantir:

- a) serem os únicos titulares dos direitos autorais do artigo;
- b) que o artigo é inédito e não está sendo avaliado por outro(s) periódico(s);
- c) e que, caso aprovado, transferem os direitos autorais para a revista, sem reservas, para publicação do artigo no formato online (procedimentos que se realizam ao "clique" e aceitar este item no processo de submissão).

14. Coautoria – para todas as seções, serão aceitos textos com um número máximo de até cinco (5) coautores. Em casos especialíssimos, a comissão editorial poderá autorizar submissões com até seis (6) autores, desde que os mesmos justifiquem e detalhem a contribuição específica de cada um deles para a elaboração do texto.

Normas Técnicas

Recomendamos que os autores observem as normas da ABNT referentes à apresentação de citações em documentos (NBR 10.520/2002), apresentação de originais (NBR 12256), norma para datar (NBR 5892), numeração progressiva das seções de um documento (6024/2003), resumos (NBR 6028/2003) e referências (NBR 6023/2003), bem como a norma de apresentação tabular do IBGE.

Apresentação de citações: Citações diretas com até três linhas são inseridas no próprio corpo do texto, entre aspas, com a referência conforme exemplificado abaixo. Citações diretas com mais de três linhas devem ser apresentadas em destaque, separadas do corpo do texto, com recuo de 4cm da margem esquerda, com corpo (tamanho da fonte) ou entrelinha (distância entre as linhas) menor e sem aspas, com a letra inicial em maiúsculo, seguida da referência conforme exemplificada abaixo.

Citação com reprodução de fala ou diálogo, coloca-se em destaque, separada do corpo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com corpo (tamanho da fonte) ou entrelinha (distância entre as linhas) menor e entre aspas, em itálico e com a letra inicial em maiúsculo.

Quando, numa citação direta no corpo do texto, portanto, entre aspas, houver um trecho também com aspas, estas devem ser substituídas por aspas simples.

As indicações de autoria nas citações direta ou indireta seguem o modelo AUTOR, ANO. Nas citações diretas, a inserção do número da página é obrigatória.

Se a indicação do(s) autor(es) acontece no corpo do texto, o(s) nome(s) deve(m) ser redigido(s) em letras minúsculas, com exceção da primeira letra do nome de cada autor, que

deve vir em maiúscula. A seguir, entre parênteses e separados por vírgula, o ano da publicação e o número da página - se for citação direta.

Exemplos de citação direta no corpo do texto:

- Um autor: Segundo Fulano (ano, p. xx),
- Dois autores: Para Fulano e Sicrano (ano, p. xx),
- Três autores: Conforme Fulano, Sicrano e Beltrano (ano, p. xx),
- Mais de três autores: Segundo Fulano *et al.* (ano, p. xx)

Quando a indicação dos autores é colocada dentro de parênteses (fora do corpo do texto), o(s) nome(s) do(s) autor(es) deve(m) ser redigido(s) em letras maiúsculas. A seguir, entre parênteses e separados por vírgula, o ano da publicação e o número da página - se for citação direta.

Exemplos:

- Um autor: (FULANO, ano, p. xx)
- Dois autores: (FULANO; SICRANO, ano, p. xx)
- Três autores: (FULANO; SICRANO; BELTRANO, ano, p. xx)
- Mais de três autores: (FULANO *et al.*, ano, p. xx)

Citação de citação: trata-se da citação de fonte secundária, ou seja, de um texto que se teve acesso a partir de outro documento. Recomendamos evitar, sempre que possível, o emprego desse tipo de citação. Caso elas sejam inevitáveis, seguir o modelo abaixo:

Leedy (1988 apud RICHARDSON, 1991, p. 417) compartilha deste ponto de vista ao afirmar que "os estudantes estão enganados quando acreditam que eles estão fazendo pesquisa, [...]".

Nesse caso, faz-se referência ao documento efetivamente consultado; no exemplo acima, a obra de Richardson (1991).



UNIVATES

R. Avelino Talini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil
CEP 95914.014 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000
www.univates.br | 0800 7 07 08 09